

O entre mundos de sonhos e opressão no romance *Marginais*, de

Evel Rocha /

The between worlds of dreams and oppression in the novel

'Marginais', by Evel Rocha

*Aldenora Márcia Chaves Pinheiro Carvalho **

Mestre em Cultura e Sociedade pela UFMA. Atua na área de Estudos Literários no Curso de Letras com ênfase em: Literatura Infantil e Juvenil e Literaturas de Língua Portuguesa. Professora Assistente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão – DLER/UFMA. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal da Paraíba – PPGLE/UFPG. Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-1472-9228>

*Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega ***

Professora Titular da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – UAL/UFPG. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-0985-6484>

*Ana Paula Herculano Barbosa****

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba - campus João Pessoa. Professora de inglês da rede municipal de ensino na cidade de Queimadas-PB. Graduada em Letras- Inglês (2016-2020) pela Universidade Federal de Campina Grande - campus Campina Grande. Interesse acadêmico voltado para o estudo de literaturas em língua inglesa, escrita feminina e crítica feminista.

 <https://orcid.org/0000-0002-9296-8267>

Recebido em: 08 ago. 2022. **Aprovado em:** 20 set. 2022.

*

 herabello@hotmail.com

**

 maria.marta@professor.ufcg.edu.br

**

 paullaherculano@gmail.com

Como citar este artigo:

CARVALHO, Aldenora Márcia Chaves Pinheiro. NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva. BARBOSA, Ana Paula Herculano. O entre mundos de sonhos e opressão no romance *Marginais*, de Evel Rocha. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 116-134, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8049378>

RESUMO

O presente estudo é uma leitura decolonial do romance *Marginais*, de Evel Rocha (2010), obra representativa da Literatura Cabo-Verdiana contemporânea. Objetivamente, a partir dos pressupostos teóricos de autores como Santos (2003), Maldonado-Torres (2020), Rui (1985), Mignolo (2020) e das reflexões oriundas das pesquisas de Nóbrega e Pinheiro-Carvalho (2022), entre outros, buscamos investigar acerca das relações que emergem entre a dominação articulada e a resistência fragmentada no referido romance a partir das memórias da personagem principal, Sérgio do Rosário. Partindo da leitura do romance, buscamos evidenciar o imbricado contexto histórico-social resultante do pós-colonialismo em Cabo Verde e as consequentes relações sociais e institucionais que se estabelecem quando da reorganização e consolidação das novas estruturas sociais cabo-verdianas. Nesse sentido, analisamos o conjunto das personagens e seus espaços tendo como principal cenário a Ilha do Sal, lugar e espaço onde são narradas as memórias vivenciadas por Sérgio do Rosário e seus amigos de infância e juventude conhecidos como os Pitboys da Ribeira Funda. Metodologicamente, este trabalho, para além de uma revisão de literatura do referencial sobre a teoria decolonial, é uma leitura que busca discutir a temática do sonho e da opressão à luz dos estudos decoloniais. É também caracterizado por um recorte de natureza bibliográfica, cujos objetivos descritivos e explicativos buscam situar, descrever e exemplificar as diversas nuances que emergem da relação entre os sonhos de Sérgio do Rosário e a realidade de abandono dos invisibilizados da Ilha do Sal, perpetrados pelo poder público e suas esferas institucionais, das quais damos especial enfoque à escola.

PALAVRAS-CHAVE: *Marginais*; Literatura Cabo-Verdiana; Estudos decoloniais; Dominação e resistência;

ABSTRACT

The present study is a decolonial reading of the novel Marginais, by Evel Rocha (2010), a representative work of contemporary Cape Verdean Literature. Objectively, based on the theoretical assumptions of authors such as Santos (2003), Nóbrega; Pinheiro-Carvalho (2022), Maldonado-Torres (2020), Rui (1985) among others, we seek to investigate the relationships that emerge between articulate domination and fragmented resistance in that novel from the memories of the main character, Sérgio do Rosário. Starting from the reading of the novel, we seek to highlight the intertwined historical-social context resulting from post-colonialism in Cape Verde and the consequent social and institutional relationships that are established when the new Cape Verdean social structures are reorganized and consolidated. In this sense, we analyzed the set of characters and their spaces with the main setting of Ilha do Sal, a place and space where the memories lived by Sérgio do Rosário and his childhood and youth friends known as the Pitboys of Ribeira Funda are narrated. Methodologically, this work, in addition to a literature review of the reference on decolonial theory, is a literary analysis that seeks to discuss the theme of dream and oppression in the light of decolonial studies. It is also characterized by a bibliographic clipping, whose descriptive and explanatory objectives seek to situate, describe and exemplify the various nuances that emerge from the relationship between Sérgio do Rosário's dreams and the reality of abandonment of the invisible people of Sal Island, perpetrated by power. public and its institutional spheres, of which we give special focus to the school.

KEYWORDS: *Marginals; Cape Verdean Literature; Decoloniality; Domination and resistance;*

1 Introdução: do Arquipélago de Cabo Verde à Revolução dos Cravos

Historicamente, o processo de ocupação do Arquipélago de Cabo Verde teve início em meados do século XV com a presença de experientes navegadores portugueses que exploravam novos domínios na costa

noroeste da África. Constituído por dez ilhas vulcânicas até então desabitadas além de alguns ilhéus, o arquipélago apresentava uma localização geográfica estratégica entre as rotas marítimas que ligavam a Europa, a América do Sul e a África, funcionando como importante entreposto comercial pelos Rios da Guiné, viabilizando assim, as negociações oriundas das rotas mercantis recém-descobertas. Dentre as principais atividades dessa rota, destacamos o comércio de homens e mulheres que foram escravizados no século XV perpetrado pelos portugueses.

Os registros das grandes navegações ocorridas ao longo do século XV, revelam dentre outros fatos históricos, importantes dados que reiteram o empenho – permeado por uma indarçável obstinação – de reis e governantes no tocante à exploração das costas continentais africanas para posterior ocupação e dominação. Entretanto, à vista dos planos de expansão marítima quatrocentista engendrada por esses exploradores, era preciso reunir na mesma expedição, uma esquadra potente que seria comandada por uma tripulação igualmente arrojada e minimamente experiente em mar aberto.

Nesse sentido, para os navegadores portugueses, vencer os territórios marítimos desconhecidos implicava enfrentar, por extensão, uma natureza reconhecidamente hostil e traiçoeira. A exemplo disso, “antes do século XV, o Bojador era uma espécie de barreira psicológica aos europeus. Lendas medievais diziam que, além desse ponto, haveria monstros, águas ferventes e o próprio Satanás à espera dos marinheiros mais incautos”, conforme destaca Gomes (2019, p. 88). O historiador acrescenta também que foi navegando em mar aberto e envolvido por mistérios e “pelas forças invisíveis da natureza, que os portugueses encontraram as dez ilhas do Arquipélago de Cabo Verde, situadas acerca de quinhentos quilômetros da costa do hoje Senegal” (GOMES, 2019, p. 88).

Uma vez ultrapassado o Cabo Bojador¹, o limite do mar navegável àquela época, também conhecido como o Cabo do Medo, a frota com os exploradores europeus aportou nas ilhas africanas. Capitaneada pelo português Diogo Gomes (1420-1520) e o italiano António de Noli (1409-1497), experiente navegador genovês emigrado para Portugal e contratado pela coroa portuguesa; a missão percebeu que as ilhas que compunham o Arquipélago de Cabo Verde não dispunham de recursos naturais favoráveis à permanência em terra firme, tampouco de minerais valiosos, como ouro e diamantes, para a exploração e comercialização.

¹ Situado na costa do Saara Ocidental em área controlada pelo Marrocos, o Cabo Bojador permaneceu durante muito tempo como lugar mítico na imaginação dos navegadores devido às condições hostis de navegabilidade. No poema *Mensagem*, Fernando Pessoa faz menção ao Bojador, remetendo ao fato histórico da arriscada travessia: “Quem querer passar além do Bojador, Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu, Mas nele é que espelhou o céu” (PESSOA, 1986, p. 16).

Ademais, as condições climáticas da região inviabilizavam terminantemente a agricultura convencional para a produção de excedentes tal como desejava a coroa portuguesa. Assim, considerando o cenário tão desfavorável ao explorador nesse recorte geográfico do Oceano Atlântico, o Arquipélago de Cabo Verde permaneceu como feitoria, ou seja, como centro estratégico para abastecimento, distribuição e escoamento de mercadorias, incluindo nesse empreendimento mercantil, o tráfico de homens, mulheres e crianças capturadas para fins de negociações no lucrativo comércio ultramarino de escravizados.

O processo de ocupação e, por fim, a colonização do Arquipélago de Cabo Verde começou por Santiago, considerada à vista do colonizador, como a ilha mais favorável à organização de um povoado seguida pela Ilha do Fogo, dando início ao povoamento do arquipélago em 1462. Mais tarde, as demais ilhas foram sendo sucessivamente povoadas conforme a localização no entorno de Santiago, isto é, Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava. Segundo o historiador Martins (2015), o processo de ocupação do arquipélago ocorreu seguindo o protocolo de colonização da coroa portuguesa quatrocentista:

A ocupação das ilhas deu-se através da importação de escravos, oriundos dos Rios da Guiné, que começaram a cultivar e criar gado para subsistência. Em seguida, foi introduzida a cana de açúcar, cultivada aos moldes das ilhas da Madeira e Açores, ao mesmo tempo em que começava a se tornar um entreposto português para o comércio de escravos africanos. Já no início do povoamento do arquipélago – em meados de 1460 – D. Afonso V emitiu uma carta de privilégios aos moradores de Cabo Verde. Estes podiam livremente adentrar os Rios da Guiné em busca de escravos e outros produtos. (MARTINS, 2015, p. 20)

Observamos que a negociação de pessoas para fins de escravidão era legitimada pela coroa portuguesa que chancelava para além da busca por produtos e riquezas, a captura e comercialização de pessoas nos Rios da Guiné para o tráfico negreiro que se tornou um disputadíssimo mercado na região, durante os séculos XVI e XVII. Vale ressaltar que no século XVII a coroa portuguesa passou a obter mais lucro com o tráfico negreiro que propriamente do excedente da cana-de-açúcar – principal atividade comercial até então –, o que comprova a agressividade da metrópole em termos de exploração das colônias para a obtenção de lucro.

Todavia, com o passar do tempo e com o término do comércio ultramarino de escravizados na região para além do Bojador, houve um arrefecimento nas feitorias, causando o enfraquecimento das rotas comerciais que incluíam as ilhas de Cabo Verde. Isso significa dizer que séculos mais tarde, com as mudanças de interesses dos grandes impérios causadas por pressões estrangeiras e novos

protocolos internacionais, a região enfrentou um implacável período de declínio comercial que somado às constantes degradações climáticas e a configuração geográfica do arquipélago, levou Cabo Verde a uma ocupação populacional instável e marcada pela presença do colonizador.

Passados cinco séculos, Cabo Verde precisou enfrentar o imbricado processo de ruptura com o colonialismo em termos de emancipação política, social, econômica e estrutural. Assim, tal como as demais colônias que permaneceram durante tanto tempo sob o jugo da metrópole, antes da independência, o arquipélago recebeu o status político de departamento ultramarino português²; denominação que recebiam todas as regiões administrativas além-mar, criadas pelo Estado Novo Português no século XX.

Ao considerarmos o contexto histórico de Cabo Verde, veremos que foi a partir da fundação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde³ (PAIGC), liderado por nomes como Amílcar Cabral e outros líderes políticos empenhados na independência; que o arquipélago reuniu elementos imprescindíveis à luta pela soberania dos territórios insulares de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, independência consolidada em 05 de julho de 1975, como fruto da Revolução dos Cravos⁴ iniciada em 1974.

Nessa perspectiva, entendemos que da mesma forma que a Revolução dos Cravos contribuiu para redimensionar as organizações políticas e sociais na segunda metade do século XX tanto em Portugal quanto nas ex-colônias; inevitavelmente essas mudanças de paradigmas tiveram importante influxo nas produções artísticas pós-coloniais. É precisamente no contexto do pós-colonialismo cabo-verdiano que encontraremos a produção literária de Evel Rocha, escritor contemporâneo e autor do romance *Marginais*, corpus literário deste estudo.

Considerando os pressupostos dos estudos decoloniais, nas próximas seções refletiremos sobre o 'entre mundos de sonhos e opressão' no romance *Marginais*, para situar a polarização entre

² Atualmente na África, o Arquipélago dos Açores e a Ilha da Madeira permanecem como territórios ultramarinos de Portugal.

³ Em 19 de Setembro de 1956 Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Luís Cabral e outros líderes insulares criaram o Partido Africano da Independência/União dos Povos da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que defendia a independência de Cabo Verde e Guiné Portuguesa de Portugal.

⁴ Movimento que destituiu o regime salazarista em Portugal, exigindo a dissolução do Império Português e iniciando o processo de transição para a democracia. Fim da Guerra Colonial Portuguesa e independência de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, e São Tomé e Príncipe.

o campo onírico da personagem Sérgio do Rosário e a realidade vivenciada por este protagonista desde a infância até a juventude, no contexto do pós-colonialismo em Cabo Verde.

Assim, após aclimatarmos o projeto literário do escritor Evel Rocha, identificaremos com base em Santos (2003), as especificidades do pós-colonialismo bem como a caracterização das crises civilizatórias na modernidade. Na terceira seção, apresentaremos à guisa de uma resenha síntese, o enredo do romance *Marginais*, elencando as personagens identificadas como Pitboys da Ribeira Funda, para refletirmos nesse imbricado entre opressores e oprimidos, à luz das ideias de Althusser (1998), a função da escola compreendida nesse recorte, como aparelho ideológico do Estado.

Para alinharmos a discussão aos pressupostos dos estudos decoloniais, traremos as ideias de Maldonado-Torres (2020) e Mignolo (2020), com vistas a sumariar as implicações no tocante à penhora dos saberes, e, por conseguinte, o sequestro da razão 'do outro' quando perspectivada a relação entre dominação articulada e resistência fragmentada. Nesse sentido, entendemos a existência de um campo oblíquo, onde de um lado figuram os sonhos de Sérgio do Rosário e do outro lado a realidade de vida deste, implicando numa polarização paradoxal, posto que é flexível e refratária ao mesmo tempo.

2 Do pós-colonialismo ao projeto literário e ideológico de Evel Rocha

Assim como ocorreu nas ex-colônias Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e no Brasil; em Cabo Verde a Língua Portuguesa se tornou a língua oficial do País, passando a ser utilizada na veiculação de livros, jornais e demais meios de comunicação. Não obstante a presença da língua-crioula cabo-verdiana como língua materna, a Língua Portuguesa assume preponderância nas mídias e também nos meios de produção, circulação e recepção da Literatura Cabo-Verdiana no contexto do pós-colonialismo, indiciado na esfera da modernidade.

Para compreendermos tais ideias, é necessário destacar alguns aspectos atrelados à essa discussão, pois, para pensadores decoloniais como os argentinos Walter Mignolo (1941a) e Enrique Dussel (1934a) e o sociólogo peruano Aníbal Quijano (1928 - 2018), dentre outros, modernidade e colonialidade são influxos de uma única realidade. Nessa acepção, Mignolo (2020, p. 2), por exemplo, categoriza que “a colonialidade, em outras palavras, é constitutiva da modernidade – [pois] não há

modernidade sem colonialidade”. Para Pinto (2019, p. 102), “é na compreensão desse binômio modernidade-colonialidade que se abre um espaço teórico para pensar uma nova relação mundial”.

Estamos diante de uma discussão de natureza teórica que atrela conceitos como ‘modernidade’, ‘colonialidade’, ‘colonialismo’ e ‘pós-colonialismo’ para a compreensão do texto literário seja como projeto ideológico ou como projeto estético da escrita do sujeito colonizado. Entretanto, ao pensarmos a produção literária de Língua Portuguesa em Cabo Verde, importa-nos destacar as especificidades do pós-colonialismo português ressaltado por Boaventura Santos (2003), para compreender tais especificidades a partir de duas acepções:

A primeira é a de um período histórico, aquele que se sucede à independência das colônias, e a segunda é a de um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado. [...] Na segunda acepção, insere-se nos estudos culturais, linguísticos e literários e usa privilegiadamente a exegese textual e as práticas performativas para analisar os sistemas de representação e os processos identitários”. (SANTOS, 2003, p. 66)

Observamos que na segunda acepção apontada por Santos (2003), a compreensão sobre a produção das narrativas – do colonizador e do colonizado – exige uma atitude de interpretação textual e apreensão das práticas performativas, para analisar os modos de representação social desses sujeitos. Ou seja, estamos diante de uma reflexão organizada em torno da conformação identitária de sujeitos que se alternam no interior de um imbricado processo de rupturas e permanências. Nesse liame, a Literatura Cabo-Verdiana emerge, vinculando os modos de produção e recepção de obras literárias no contexto do pós-colonialismo português.

Ora, se na primeira acepção proposta por Boaventura Santos (2003), é necessário considerar cronologicamente o período histórico para assentar a discussão em razões de interesses políticos e análises econômicas, na segunda acepção “o pós-colonialismo contém uma crítica, implícita ou explícita, aos silêncios das análises pós-coloniais na primeira acepção” (SANTOS, 2003, p. 66). Assim, entendemos que é preciso retomar o aspecto histórico do colonialismo, sempre que for necessário, para compreender ‘os silêncios’ pertinentes aos aspectos linguísticos, literários e culturais dos sujeitos subalternizados.

Considerando as duas acepções abordadas por Santos (2003), observamos uma emergência literária de natureza estética e ideológica, que revela realidades vivenciadas por personagens cabo-

verdianos que embora subjetivados no contexto do colonialismo e do pós-colonialismo português, legitimam histórias de existência e resistência.

Nascido em Espargos na Ilha do Sal, no Arquipélago de Cabo Verde, Evel Rocha (1967a), representa, ao lado de escritores como Orlanda Amarílis (1924-2014), Corsino Fortes (1933-2015), Dina Salústio (1941a), Fátima Bettencourt (1938a), Vera Duarte (1952a) e tantos outros, a inscrição definitiva da Literatura Cabo-Verdiana no universo estético da Literatura Africana de Língua Portuguesa na contemporaneidade.

Dentre sua fortuna artística, Evel Rocha publicou nas últimas duas décadas uma obra diversa entre prosa e poesia, com destaque para *Versos d'Alma* (1997, poesia) e *Estátuas de Sal* (2003, romance). Em sua produção, é possível perceber o autor aclimatando o sujeito subalternizado no cenário insular cabo-verdiano, especificamente da Ilha do Sal, – espaço de nascimento e lugar de fala do autor –, delineado por extensa gama de sentimentos e posicionamentos coletivos, dentre os quais nos deteremos na curta vida de Sérgio do Rosário ou Sérgio Pitboy, personagem central do romance *Marginais*, publicado em 2010.

3 *Marginais*: apontamentos de um vagabundo

Nascido na periferia urbana da Ilha do Sal, marcado pela morte prematura das irmãs e criado pela mãe em meio à fome e à miséria extrema, Sérgio do Rosário Araújo, protagonista do romance, desde pequeno alimentava o sonho de ser jogador de futebol na Europa. Devido os recorrentes episódios de humilhação, discriminação e violência psicológica vivenciados na escola, Sérgio abandona os estudos e ainda na adolescência sofre a opressão da cunhada e do irmão mais velho que o expulsam de casa, aproveitando a ausência da mãe que se mudara para a Itália e a quem não voltariam a ver.

Vivendo nas perigosas ruas da periferia, à mercê da notória violência local e sem o amparo materno, rapidamente Sérgio mergulha no mundo da delinquência juvenil acompanhado por seus amigos de rua, assumindo a liderança de um grupo de marginalizados que usam a marginalidade como mecanismo de proteção individual e coletiva. Assim, conhecidos como os Pitboys da Ribeira

Funda, Sérgio Pitboy, Pianista, Pé-de-Cabra, Perua, Comida-de-Tchuque, Beto Vesgo, Fusco, Lela Magreza, Mirinha, Zefa Manquinha, Mirna e outros, respondem à opressão das autoridades locais por meio de furtos, roubos, brigas e delitos nos mais variados níveis de violência.

Frustrado o sonho de tornar-se jogador de futebol, Sérgio Pitboy envereda na delinquência, passando pelo vício, o alcoolismo, a prostituição e entrando em definitivo no submundo do crime onde vivencia as consequências do turismo de prostituição, do tráfico de drogas e a prisão. Já adulto, Sérgio Pitboy tenta resistir ao vício da cocaína, para tornar-se cantor na Ilha do Sal, entretanto, a extrema debilidade física e a segunda prisão o levam a uma recidiva da tuberculose que causa sua morte aos 23 anos de idade, sem ter conhecimento que tinha uma filha de 12 anos, a pequena Gertrudes, que vítima de estupro e recorrente abuso sexual consentido e negociado pela própria mãe, já marchava pela mesma estrada sinuosa do pai.

3.1. Entre dois mundos: sonho e opressão

Em *Marginais*, Evel Rocha (2010), desdobra em trinta e cinco capítulos, as nuances de discriminação, violência, exclusão e abandono vividos pela personagem Sérgio Pitboy, desde a sua infância até os vinte e três anos de idade. Narrado a partir da perspectiva do excluído, a obra apresenta a oposição entre dois mundos: o mundo dos sonhos e das realidades de Sérgio. Dentre as especificidades da obra, destacamos a presença de dois narradores – o narrador e um narrador-personagem –, recurso utilizado pelo autor para garantir a fluidez e conferir legitimidade às memórias de Sérgio Pitboy narradas na 1ª pessoa do singular:

Gostaria que o senhor lesse esse documento e o guardasse pra mim. Não sei se alguém quererá ler isso, mas para mim tem um valor inestimável. Nestas páginas consegui afogar muita mágoa e se não morri antes foi por estar com a mente ocupada nestas anotações. Por algum tempo, consegui anestesiar a angústia que me engole, desgraçadamente. Aqui, procuro descrever os dois mundos onde vivi comprimido: o mundo da pobreza e o dos abastados, como alguns o chamam, mas para mim são o mundo dos exploradores e o dos explorados. O senhor é a única pessoa que me pode ajudar. Se achar que vale a pena publicá-las, faça-o, senão, rasgue-as ou queime-as. (ROCHA, 2010, p. 13)

Observamos que o primeiro narrador prefacia e também encerra a narrativa das memórias de Sérgio enquanto o segundo narrador-personagem, – o próprio Sérgio –, se encarrega de contar sua história registrando-a em papéis avulsos, à guisa de um diário que posteriormente são confiados ao narrador, revelando nessa circunstância, a existência de uma provável amizade entre ambos no passado. É o narrador que recebe os escritos das mãos de Sérgio na abertura do romance e presencia o velório e sepultamento do líder dos Pitboys, no epílogo.

Situado numa esfera ambivalente no contexto de uma sociedade em transformação devido os influxos do colonialismo e do pós-colonialismo; o romance cabo-verdiano narra o crescimento de Sérgio do Rosário desde a infância até a juventude, com o predomínio do tempo cronológico que vai de 1977 a 1999. Nesse cenário que corresponde historicamente à constituição do Estado nação cabo-verdiano, acompanhamos a reorganização e a consolidação das novas estruturas sociais, políticas e econômicas de Cabo Verde na intermitência que antecede à independência de Portugal e as primeiras eleições multipartidárias ocorridas somente em 1991.

Sempre permeado pelos sonhos de Sérgio Pitboy, primeiramente como jogador de futebol na Europa, e, posteriormente, como cantor na Ilha do Sal; o romance expõe ao leitor a existência de dois mundos irreconciliáveis. A existência desses dois mundos criados pelo autor denuncia as relações de opressão predominantes na belíssima Ilha do Sal a partir dos seus espaços de abandono perpetrados tanto pela natureza quanto pelo poder público. E denuncia: “somos maltratados pela lei, duplamente maltratados pela miserável condição de vida que levamos. [...] Toda a nossa revolta tinha apenas um alvo: a intolerância”. (ROCHA, 2010, p. 29; 30)

Assim, o autor narra esteticamente pelo viés do grotesco, os episódios da vida de Sérgio e os Pitboys da Ribeira Funda, tecendo a narrativa entre o insólito e o onírico, entre o sarcástico e o pseudopoético, entre a repulsa e a comoção. Episódios que levam o leitor à percepção do sofrimento coletivo a partir do sofrimento individual, pois, é pelas memórias de Sérgio que outros sujeitos invisibilizados pelo contexto histórico do pós-colonialismo, podem ser perspectivados:

A casa onde nasci ficava na travessa da sentina municipal [...]. Dessa famosa sentina nasceram os apelidos com que até hoje somos conhecidos [...] Pianista (Ricardo), Pé-de-Cabra, Perua, Comida-de-Tchuque (Jorginho), Zefa Manquinha, Beto Vesgo, Fusco, Lela Magreza, Mirinha. A minha vida sempre foi um retalho de recordações, um acumular de horrores. Restava-me sonhar – insisto na palavra sonho porque sem ela não sobreviveria. Se a lei não funcionava para os

desvalidos, caberia a nós fazer a justiça com as próprias mãos e continuar a sonhar. (ROCHA, 2010, p. 38; 62)

As memórias de Sérgio Pitboy traduzem um universo de ausências indiciando a negligência do poder público, detalhando quadros de extrema violência, descaso, fome e a supressão de direitos individuais e coletivos, por essa razão, o Pitboy “haveria de provar ao mundo que não nascemos apenas para constar das estatísticas e ser marginais, os para-raios da maldição humana, e acabar numa cova sem nome”. (ROCHA, 2010, p. 29).

No episódio em que Sérgio é recusado pelo administrador do time português, a realidade das misérias vividas no Sal, se impõem ao sonho de se tornar uma estrela do futebol internacional. Não obstante Sérgio e Jorginho terem uma atuação excepcional em campo, entretanto, nos exames médicos o menino sonhador é rejeitado pelo examinador português que explica, à guisa de uma sentença “gostei imenso dos teus dribles, tu tens um potencial invulgar para um puto do teu tamanho, tens estaleca de craque, porém, estás muito abaixo do peso, o dedão do pé direito está fragmentado, tens algumas manchas no pulmão e receio de venhas a parar de jogar” (ROCHA, 2010, p. 82). Nesse comovente episódio, o menino eleva a voz num lamento incontido diante da multidão que presenciava o fim de um sonho e a ‘esperança de ser gente’:

Eu morria naquele momento! [...]. Fiquei imóvel extravasando a minha dor: naquele ano, quase fui violado por um polícia, perdi a Zizi, perdi o direito à escola, vi a minha mãe viajando para a terra longe, meu irmão expulsou-me de casa, a professora Izilda humilhou-me à frente de todos e, para cúmulo das desgraças, recebi a notícia que não tinha futuro como jogador de futebol. Meu corpo era pequeno demais para caber tanta angústia e sofrimento [...]. Por favor, senhor português, não me tire a única esperança que me resta se ser gente! Não faça isso comigo, não. (ROCHA, 2010, p. 82)

Anos mais tarde, as manchas no pulmão que mascaravam um quadro grave de doença pulmonar, suprimem de Sérgio o sonho de se tornar cantor nas noites turísticas da Ilha do Sal. Já adulto, Sérgio não consegue lidar com um duplo tormento: a cocaína e a tuberculose. Vemos que rendido à primeira e prostrado pela segunda, mais uma vez, os sonhos do menino se confrontam com a realidade vivida e nesta ele sucumbe, enterrando consigo todas as “esperanças de ser gente”.

No romance cabo-verdiano *Marginais*, para além das precaríssimas condições sanitárias, econômica e estruturais das periferias urbanas da Ilha do Sal, observamos que à exceção daqueles

sujeitos delineados pela cor do poder local – como a personagem Dr. Apolinário –, todas as demais personagens recebem alcunhas e permanecem à margem dos interesses do Estado, vivendo nutridos por revoltas introjetadas contra as formas de dominação.

3.2 A escola como forma de ideologia e repressão

Ora, entendemos que no contexto da modernidade tardia, existem diversos modos de expressão e formas de dominação para representar a exclusão de sujeitos na sociedade. Para o protagonista de *Marginais*, Sérgio Pitboy, a Ilha do Sal dividia-se em dois cenários: o mundo dos exploradores e o dos explorados. Para descrever esse dualismo, Rocha (2010, p. 13) dá voz ao narrador-personagem que explica: “procuro descrever os dois mundos onde vivi comprimido: o mundo da pobreza e o dos abastados, como alguns o chamam, mas para mim são o mundo dos exploradores e o dos explorados”.

Dessa perspectiva da exploração – que rasura a existência dos sujeitos, suprimindo destes as identidades individuais à proporção em que cria derivações identitárias para legitimar a existência ou a inexistência do outro –; derivam os conflitos estruturais determinantes para as crises civilizatórias na modernidade tardia, conforme postulado por Santos (2003) nos Estudos Culturais. Em *Marginais* a invisibilidade e inexistência dos oprimidos no contexto do pós-colonialismo é representada simbolicamente tanto pela ausência de seus nomes – que suprime destes a cidadania – quanto pela ausência de seus direitos, marcando a cíclica dos conflitos.

A existência de tais conflitos aponta para uma dominação articulada que tem no colonialismo, no capitalismo e no patriarcalismo – no hetero-patriarcado –, os modos para a efetivação dessas crises. Por conseguinte, essa perspectiva contribui para cancelar a inexistência desses sujeitos, num processo contínuo de opressão que invisibiliza, conforma e subalterniza as identidades do *outro*. O sofrimento do velho Nhô Simão e sua família, diante do incêndio que consumiu seu barraco e todos os pertences que dispunha, representa essa invisibilidade para o Estado:

[...] o resto estava transformado em monturo e cinzas. Nhô Simão, abraçado aos cinco filhos, ainda chorava desalmadamente a perda do que levou a juntar durante uma vida. Tinha o rosto tismado e nas costas uma ferida aberta pelas chamas enquanto tentava salvar alguma coisa. Os bombeiros não apareceram e desculparam-se com o difícil acesso à casa por causa das ruas apertadas e retorcidas. [...] O nosso bairro ficava perto do edifício da Câmara Municipal, mas a quilômetros de distância da sensibilidade autárquica. A autarquia continuava a fazer o que sempre fez pelos pobres: nada. (ROCHA, 2010, p. 144)

Estamos diante de uma polarização organizada em dois mundos que se opõem. De um lado, a resistência fragmentada constituída pelos invisibilizados do Estado: os Pitboys da Ribeira Funda. Do outro lado temos a dominação articulada formada pelo poder e as instituições: Dr. Apolinário (advogado corrupto e político); Djosa e Raul (os policiais estupradores); os Políticos, o Tribunal, a Igreja, a Escola, os Turistas, Sr. Amândio (comerciante, abusador sexual e estuprador da pequena Gertrudes) e Rambo (o cão da raça São Bernardo do Dr. Apolinário que era alimentado com carne de primeira, despertando a revolta dos Pitboys).

À medida que esse postulado se amplia, compreendemos que em termos de dominação articulada, os sujeitos e as organizações sociais garantem a permanência dos sistemas de reprodução de valores simbólicos, silenciando a resistência fragmentada e suprimindo desta, as marcas identitárias do sujeito. Entretanto, em termos de funcionalidade, esse cenário reclama a existência de esferas institucionalizadas – escola, Igreja e Estado – para legitimar tal processo. A exemplo disso, em *Marginais*, a escola converge para a exclusão dos sujeitos como Sérgio Pitboy.

[...] Eu era o parvo, o indisciplinado, que só sabia baboseiras, o estúpido ocupante da carteira ao fundo. [...] A professora não se interessava por mim porque ela nunca soube o que era ir à escola com fome. Afrontava-me a ideia de ser diferente da esmagadora maioria da classe. Se alguém sentisse algum cheiro de chulé ou de bufo, todos espiavam para mim e mais um punhado de infelizes, a plebe da turma; se pintasse um furto na sala, eu era o primeiro a ser revistado. [...] Nós nascíamos com a marca da besta, carregando a sina do fracasso na escola [...]. A escola ensinou-me que sou um indivíduo incapaz e predestinado a ser ruim. (ROCHA, 2010, p. 42; 55)

Ora, ao perspectivarmos a escola enquanto instituição social, veremos que essa estrutura educacional surge de padrões hegemônicos que sempre opuseram interesses entre os indivíduos: de

homens sobre mulheres, de pais sobre filhos, da administração sobre os modos de vida; e diversos outros pares que representam formas de poder em disputa. Nesse sentido, o ensaio de Althusser (1980), intitulado *A ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado*, fornece as bases para as críticas marxistas da educação apontando como ocorrem as relações de poder e as formas de submissão no interior das estruturas sociais em termos de permanência e reprodução de padrões de poder.

Assim, podemos compreender que a permanência da sociedade capitalista tal como se configura na Ilha do Sal e na atualidade em geral, se sustenta precisamente por haver mecanismos ou instituições que são encarregadas de garantir seu estado atual de controle. Nessa acepção, a sociedade permanece estruturada a partir de um duplo aparato: os aparelhos ideológicos do Estado – a religião, a mídia, a escola e a família – exercendo o controle por meio do convencimento, da repressão e da ideologia. E os aparelhos repressivos do Estado – a polícia e o judiciário – que exercem o controle por meio da força, uma força hermética, institucionalizada e indissolúvel.

Para Sérgio Pitboy:

E necessário vandalizar os interesses da burga [burguesia], que enriquece facilmente, para que o Estado possa olhar para nós, os marginalizados; é necessário vandalizar o patrimônio dos coronéis da Ilha, conquistado à custa dos fracos, para que chorem de raiva como nós choramos por um pedaço de pão e pelos nossos direitos. (ROCHA, 2010, p. 40)

Precisamos considerar que as vivências de Sérgio na escola, são marcadas por trocas simbólicas entre os invisibilizados pela instituição que exerce o poder e os padrões de subalternidade estabelecidas institucionalmente. A exemplo desse imbricado social e seus modos operacionais, vemos o episódio da destituição de Sérgio como representante discente eleito pela turma e encarregado da leitura do ‘discurso de honra’ do Liceu quando da ilustre visita do inspetor estrangeiro.

Nesse episódio, Sérgio do Rosário vencera a eleição, obtendo a maioria dos votos da classe, entretanto, contrariando o resultado legítimo e o direito de Sérgio, a professora determina que “Mirreille vai ser a representante da turma”. E ignorando a presença do menino, acrescenta: “não faz sentido eleger um indisciplinado, um bandalho para representar a turma, além do mais, não sabe ler” (ROCHA, 2010, p. 56).

Esse evento caracteriza, dentre tantos outros, a relação entre opressores e oprimidos no romance *Marginais*. Assim, considerando a concepção acerca dos aparelhos ideológicos do Estado, entendemos que a escola – enquanto instituição –, configura e redefine os modos de fazer sobre os modos de saber, estabelecendo um rigoroso controle sobre a formação do indivíduo no que principia um processo de penhora dos saberes.

E essa penhora do saber, suprime as formas de conhecimento e prenuncia o sequestro da razão do *outro* a partir da negação da sua racionalidade e, por conseguinte, imprime a assimilação cultural imposta pelo poder do dominador. Nesse sentido, essa penhora é impetrada pela cultura dominante imperialista e alimentada nas bases do capitalismo, conforme destacam Nóbrega e Pinheiro-Carvalho (2022). Assim, esse padrão de controle próprio da dominação, atende ao conjunto de interesses da sociedade que exige determinada formação do sujeito para fins de reprodução das suas formas de saber, fazer e, por conseguinte, das suas formas de poder.

A reflexão, nesse sentido, aponta para o fato de que as instituições sociais que compõem o aparato ideológico do Estado no contexto do pós-colonialismo, exercem uma força de compressão sobre o sujeito para além do caráter epistemológico quando da produção/reprodução de conhecimentos, mas, sobretudo, no caráter ontológico do indivíduo, tentando conformar, submeter ou mesmo invisibilizar a natureza plena e integral do ser.

Retomando o episódio da eleição no Liceu onde o aluno escolhido representaria a turma, diante da acusação de ter feito ‘campanha de voto’, Sérgio se defende justificando: “sem saber o que significava ‘campanha de voto’, dei-lhe minha palavra de honra que não tinha influenciado ninguém, mas a professora me disse que eu não tenho palavra de honra. Pobre não tem palavra de honra”. Por essa razão, conclui: “a escola ensinou-me que sou um indivíduo incapaz e predestinado a ser ruim”. (ROCHA, 2010, p. 55; 56).

Observamos que essa relação entre realidade e representação vai desde o campo de dominação mais ampla – metrópole versus colônia – até o ordenamento de uma realidade específica com a qual o sujeito precisa se conectar ao outro, com vistas ao cumprimento de seu papel social – escola versus aprendiz –. Daí a importância de uma perspectiva que analise criticamente essas relações de penhora dos saberes, do sequestro da razão do outro e demais formas de dominação que

emergem no contexto do pós-colonialismo. E nessa esfera, os estudos decoloniais tem desempenhado um valiosíssimo papel no âmbito da modernidade.

[...] permitindo-nos identificar e explicar os modos pelos quais sujeitos colonizados experienciam a colonização, ao mesmo tempo em que fornece ferramentas conceituais para avançar a descolonização. [...] O pensamento e a teoria decoloniais exigem um engajamento crítico com as teorias da modernidade, que tendem a servir como estruturas epistemológicas das ciências sociais e humanidades europeias. (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 33).

Quando observamos a realidade de Sérgio Pitboy e os marginalizados e oprimidos de Espargos, Santa Maria, Ribeira Funda e as demais regiões da Ilha do Sal, podemos ver que a escola, a Igreja e o Estado não operam pelo princípio da neutralidade, pelo contrário, cada instituição busca reproduzir seu micro-poder, objetivando manter o controle sobre o sujeito, e, por cada segmento social, portanto. Nesse sentido, os estudos decoloniais favorecem uma análise crítica desses aspectos para a identificação e explicação dos modos e trocas simbólicas que ocorrem no interior das sociedades e como operam tais formas de dominação e resistência.

E se ‘a arte imita a vida’, o romance *Marginais* de Evel Rocha permite ao leitor fruir de figurações literárias que despontam em vidas premidas por dor, sofrimentos, privações e abusos. Figurações que revelam a realidade de sujeitos oprimidos pelo poder local, tingidos pela herança do colonialismo e que usam de modos igualmente opressores para rezingar entre “a nata social, dos políticos da praça, dos comerciantes e operadores turísticos, cidadãos do bem que enchem páginas dos jornais, que estão nas conferências pela igualdade e para uma cultura de paz”, conforme o desabafo de Mirna ao descrever certos coronéis da Santa Maria. Coronéis, políticos, comerciantes, autoridades locais e uns outros tantos amantes cuja virilidade frágil e duvidosa, “são os mesmos que nos usam, lambuzam e depois nos deitam fora” (ROCHA, 2010, p. 143).

Considerações finais

A obra *Marginais* de Evel Rocha (2010), fruto da Literatura Cabo-Verdiana contemporânea, emerge no grande cenário da Literatura Africana de Língua Portuguesa, apresentando ao leitor as

nuances de vidas marcadas pela herança do colonialismo e do pós-colonialismo na Ilha do Sal. O romance narra a história de personagens como Sérgio Pitboy, Pianista, Beto Vesgo, Fusco, Mirna, Lela Magreza “e tantos outros que foram raptados por vendedores de órgãos humanos que facturam [sic] milhares de contos nos bancos de órgãos para acidentados no estrangeiro” (ROCHA, 2010, p. 30).

Neste breve estudo vimos que a leitura de *Marginais* demanda mais que uma abertura à experiência estética do leitor com o texto literário. Considerando o caráter realista que naturaliza os modelos subversivos e os contornos subjetivos das personagens marginalizadas na narrativa de Evel Rocha, o romance exige um aporte teórico disruptivo que aproxime o leitor à totalidade dos aspectos histórico-culturais do pós-colonialismo. E com efeito, é a partir dos pressupostos dos estudos decoloniais que podemos compreender, em parte, as relações entre dominação e resistência que emergem das memórias de Sérgio Pitboy.

Nesta leitura de *Marginais*, embora a indigência e a naturalização da violência apareçam como aspectos integradores dos sujeitos, o autor dá voz às personagens à guisa de uma defesa dos invisibilizados de Cabo Verde. Assim, Evel Rocha propõe um olhar sensivelmente distópico, sobre os moradores da Ilha do Sal, um povo historicamente “flagelado pela inação, pelo descaso, pelo desrespeito humano criminoso, por não ter Cabo Verde o petróleo, o ouro e os diamantes que aguçavam a ganância dos colonizadores”, conforme destaca Duarte (2012, p. 95). E, como vimos, Sérgio Pitboy representa esse flagelo humano, produto do desrespeito colonial, privado de garantias e direitos e deixado à deriva do Estado recém organizado.

Partindo dos estudos decoloniais, percebemos que ao analisarmos o papel das instituições sociais – a escola –, por exemplo, constataremos que em termos de fragmentação das identidades, os marginalizados de Evel Rocha representam existências que embora invisibilizadas, rezingam em seus sonhos, resistindo à opressão da dominação articulada. Constatamos também que a aparato ideológico do Estado funciona como mecanismo de controle, subalternização e conformação das identidades com vistas à reprodução de padrões e interesses hegemônicos.

Ao pensarmos geograficamente, veremos que o Arquipélago de Cabo Verde com as ilhas de Barlavento ao norte (de onde sopra o vento) e as ilhas de Sotavento ao sul (de onde se escoia o vento), estão há mais de 3mil Km de distância, se tomarmos a ilha de São Luís, a capital do Maranhão,

como ponto de partida ou chegada. Entretanto, mesmo separadas pelo imenso Atlântico, que testemunhou as incontáveis travessias da Calunga Grande ao longo de séculos, a Ilha do Sal em Cabo Verde e a ilha de São Luís, no Maranhão, Brasil, ambas colonizadas por portugueses, podem guardar para além da herança colonial, outras relações de aproximações identitárias.

Essa brevíssima digressão aponta para uma emergência em termos da pesquisa com o texto literário africano e afro-brasileiro a partir dos estudos decoloniais, para identificar as relações de aproximação e distanciamento entre identitárias irmanadas pela Língua Portuguesa. Estudos que contribuam para indiciar a existência de sujeitos que embora invisibilizados e experienciando situações devastadoras como Sérgio do Rosário em *Marginais*, resistem a partir da arte literária, uma arte engajada com a realidade, tal como afirma Rui (1985, p. 02), “assim reforço a identidade com a literatura. [...] E quando a minha literatura transborda a minha identidade é arma de luta e deve ser ação de interferir no mundo total para que se conquiste então o mundo universal”.

CRedit

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Contribuições dos autores:

CARVALHO, Aldenora Márcia Chaves Pinheiro.

Conceitualização, Curadoria de dados, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva.

Conceitualização, Escrita - revisão e edição.

BARBOSA, Ana Paula Herculano.

Conceitualização, Escrita - revisão e edição.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

GOMES, Laurentino. *Escravidão – do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. Vol. I. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*. In: BERNARDINOCOSTA, J; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, R. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

MARTINS, Diego Cambraia. *O tráfico de escravos nos Rios da Guiné e a dinâmica da economia Atlântica Portuguesa (1756-1807)* Dissertação de Mestrado USP – São Paulo, 2015.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

NÓBREGA, Marta Maria S; PINHEIRO-CARVALHO, Aldenora Marcia C. *Entre dominação e resistência: o texto literário na educação de jovens e adultos*. In.: *O lugar da literatura nos estudos decoloniais*. Aldenora Márcia C. PINHEIRO-CARVALHO, Patrícia PINHEIRO-MENEGON, Josilene PINHEIRO-MARIZ (Orgs). São Luís: Graffias, 2022.

PINTO, Raphael Colvara. *A face oculta da Modernidade colonial*. Caderno Teológico da PUCPR, v. 4, n. 2, p. 96-106, 2019.

ROCHA, Evel. *Marginais*. Praia: ASA/Gráfica da Praia, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade*. Novos Estudos, São Paulo, 2003.

RUI, Manoel. *Eu e o outro - o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto*. Comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra. São Paulo: Centro Cultural, 1985.